

# O professor discursivizado como um bem

(The teacher as a property in the discourse)

Alita Carvalho Miranda Paraguassú<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Goiás – UFG

alitaparaguassu@gmail.com

**Abstract:** This article conducts a discursive analysis of how teacher's image is constituted as a property, sometimes as a first necessity and sometimes as a commodity. The corpus analyzed is composed of covers of national magazines devoted or not to professional teachers. There is the prevalence of two discursive formations related to the teacher: one conditioned by Christian morality and another conditioned by economic principles.

**Keywords:** Teacher; discursive formations; Christian morality; economy.

**Resumo:** Este artigo realiza uma análise discursiva da constituição da imagem do professor como um bem, ora um bem de primeira necessidade ora um bem de consumo. Fazem parte do *corpus* analisado capas de revistas de circulação nacional dedicadas ou não aos profissionais docentes. Há a prevalência de duas Formações Discursivas nos enunciados sobre o professor: uma condicionada por uma moral cristã e outra condicionada pelos princípios econômicos.

**Palavras-chave:** Professor; formações discursivas; moral cristã; economia.

Vocês que fazem parte dessa massa,  
Que passa nos projetos, do futuro  
É duro tanto ter que caminhar  
E dar muito mais, do que receber.  
E ter que demonstrar, sua coragem  
A margem do que possa aparecer.  
E ver que toda essa, engrenagem  
Já sente a ferrugem, lhe comer.<sup>1</sup>

## Falar sobre o professor

Quando iniciamos os nossos estudos no ensino básico somos levados a compreender que há bens a serem consumidos por nós que são apenas supérfluos e nos garantem comodidade. Aprendemos também que há bens, principalmente os naturais, sem os quais não podemos sobreviver: como a água, o ar, as vitaminas. No entanto, os conhecimentos científicos vêm criando maneiras de superarmos essas necessidades ou de encontrarmos esses bens de maneira facilitada no mercado. Refletindo sobre a lógica capitalista, podemos nos deter sobre as funções sociais, as profissões, os sujeitos. Em um mercado onde funcionários podem ser descartados em massa e um robô pode substituir os gestos humanos, qual seria o determinante para a existência do professor?

Este artigo realiza uma análise da imagem do professor construída no discurso midiático, no Brasil, tomando como objeto o discurso sobre a formação do professor. A análise realizada fundamenta-se na teoria da Análise do Discurso francesa, a qual compreende o discurso como heterogêneo e como lugar da falha e do equívoco, posto que

---

<sup>1</sup> Zé Ramalho, *Vida de gado*.

para a AD a língua não é vista como um sistema fechado em si mesmo, mas é constituída por exterioridade e historicidade.

Objetiva-se, com este estudo, alargar as reflexões teóricas acerca das concepções de educação e dos discursos que as cristalizam, além de contribuir para a reflexão do processo educacional, tendo como viés a Análise do Discurso. Não está em perspectiva indicar os culpados pelos *incríveis problemas educacionais* e pela desvalorização do professor, mas sim pretendemos analisar cientificamente os enunciados que possibilitam a construção desse professor brasileiro e refletir sobre os discursos que autorizam essa *desvalorização*.

Estudos como este são de extrema importância, pois no contexto atual brasileiro, em que somos “todos pela educação”, surgem inúmeros discursos advindos de diferentes posições ideológicas buscando consolidar uma ou outra imagem da educação brasileira. No entanto, considerando o discurso como heterogêneo e como falho, não podemos admitir que uma leitura científica se submeta a uma homogeneização e a uma atitude pacífica diante dos enunciados fortemente marcados pelo senso comum.

Portanto, compreendemos que a massificação de uma determinada imagem do professor, foco deste ensaio, deve ser criticamente analisada. Os enunciados já marcados por pertencerem ao dito senso comum, necessitam de uma reflexão teórica, a qual exponha as relações de poder possibilitadas pelas suas enunciações. A educação não pode de maneira alguma ser pensada e discursivizada como uma instituição imutável e única, é necessário visualizar toda a sua complexidade e as peculiaridades que envolvem os processos educacionais.

Entendendo a mídia como a grande possibilitadora da identificação das massas, nos questionamos quais as imagens do professor brasileiro vêm sendo divulgadas e por que essas imagens e não outras em seu lugar. Podemos nos perguntar ainda qual a relação que a mídia acaba por estabelecer com a sociedade ao se apossar da *suposta verdade* sobre a educação e sobre o professor. De quais estratégias a mídia vem se utilizando para se posicionar como autoridade sobre a educação?

A fim de responder a essas questões estruturamos o trabalho de modo a primeiro expor ao leitor um breve entendimento da perspectiva teórica da qual nos apossamos, a seguir realizamos uma exposição das condições de produção que possibilitaram os enunciados a serem por fim analisados.

## **Perspectiva teórica**

A análise do discurso (doravante AD) toma para si como objeto o interdiscurso, portanto, as relações entre os discursos, seja uma relação entre discursos sincrônicos ou discursos advindos de outras épocas e outros lugares sociais. Para Pêcheux (1988, p. 162), o interdiscurso é o “todo complexo com dominante das formações discursivas”. Desse modo, o interdiscurso rege as relações entre as Formações Discursivas, as quais compreendem, segundo Foucault (2004), um conjunto de enunciados que apresentam entre si semelhante sistema de dispersão, regularidade quanto aos tipos de enunciação, aos conceitos e às escolhas temáticas. Esses dois autores não compreendem as Formações Discursivas do mesmo modo. Neste trabalho, nos ateremos ao conceito de Foucault (2004).

Para a Análise do Discurso, uma perspectiva homogeneizante é inconcebível. Essa teoria compreende tanto o sujeito, quanto o discurso, como heterogêneos. Consequentemente,

as formações discursivas (FDs) e os enunciados também são considerados heterogêneos. Essa heterogeneidade é justamente marcada pelo caráter histórico e também pelo caráter de acontecimento que a AD concebe à língua e ao discurso, visto que os efeitos de sentido são produzidos em retomada a outros sentidos. Para a nossa análise é fundamental compreender esse caráter não-homogêneo dos discursos. Segundo Pêcheux (2006, p. 53),

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro ( a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

Assim, Pêcheux compreende a língua como o lugar da falha e do equívoco, pois uma palavra não possui um sentido estável. Em *Ler o arquivo hoje* Pêcheux combate o purismo sobre a língua:

A materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo – e nesta medida os objetos linguísticos e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa daí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua, e é por aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe. (PÊCHEUX. 1994, p. 62)

O sentido de uma palavra se movimenta de acordo com as condições de produção, as quais envolvem não só um contexto situacional, mas também um contexto sócio-histórico. Também compreendemos o enunciado como uma estrutura linguística repetível, mas que discursivamente oferece deslocamentos de sentido.

Reiterando, Foucault (2004, p. 32) afirma que o enunciado “é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação. [...] está ligado a enunciados que o precedem e o seguem”. O mesmo autor, (2004, p. 136), define a ação de interpretar como “uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela.” O discurso é constitutivamente polissêmico, heterogêneo.

Para que uma análise seja possível, é necessário que o discurso, definido por Pêcheux (1997) como o “efeito de sentido entre interlocutores”, esteja materializado em enunciados. Bakhtin (2003, p. 269) considera o enunciado como a “unidade real da comunicação discursiva”. O enunciado, desse modo, não pertence ao nível da estrutura linguística, mas sim ao nível do discurso. Foucault (2004, p. 90) o define como o “átomo do discurso”, pois o compreende como um elemento último e indecomponível, podendo ser isolado em si mesmo e também estabelecer relações com outros elementos que são a ele semelhantes.

Para Foucault (2004), o enunciado não é nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material. É a unidade a qual nos permite verificar a posição-sujeito e produzir sentidos reatualizando outros enunciados, o que o caracteriza como histórico e heterogêneo.

Sempre que existe uma frase gramaticalmente isolável pode-se reconhecer a existência de um enunciado independente, mas, em compensação, não se pode mais falar de enunciado

quando, sob a própria frase, chega-se ao nível de seus constituintes. [...] Não se vê como reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases. Entretanto, é relativamente fácil citar enunciados que não correspondem à estrutura linguística das frases. Até mesmo uma equação é um enunciado. (FOUCAULT, 2004, p. 92)

É por essa perspectiva que analisaremos mais adiante alguns enunciados que fazem parte de um discurso sobre a educação brasileira, mas que se manifesta de diferentes formas produzindo diferentes efeitos de sentido. Para tanto, não é desnecessário que se conheça um pouco das condições nas quais esses enunciados foram produzidos.

### **“Todos pela educação” e uma corrida pela presidência**

Como *corpus* deste trabalho foram selecionadas algumas capas de revista direcionadas para uma abordagem sobre a educação durante os anos 2000. Essas capas foram produzidas em meio a um contexto situacional que exige a prática discursiva sobre a educação como uma prática cotidiana. Compreendemos esse contexto situacional como fruto de um duro processo de instituição da escola brasileira, visto que os enunciados não são apenas da ordem do acontecimento, mas remetem a enunciados anteriores, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” (FOUCAULT, 2003, p. 26). Faremos, pois, um breve relato do ambiente discursivo compartilhado pelo programa “Todos pela educação”<sup>2</sup> e pela campanha eleitoral de 2010.

O movimento “Todos pela educação” foi criado em 2006, sendo financiado exclusivamente pela iniciativa privada. Tem por objetivo alcançar cinco metas estabelecidas para a educação brasileira, todas envolvendo a inserção das crianças na escola. O próprio movimento considera que a educação deve ser prioridade do Estado, no entanto, afirma que devido à complexidade da constituição da educação no Brasil, o Estado não é capaz sozinho de prover um ensino de qualidade. Para promover o salto de qualidade em educação de que o Brasil necessita, conforme os próprios organizadores do movimento, é necessário que toda a sociedade se envolva.

No *site* desse programa podemos evidenciar o papel da mídia como autoridade sobre a educação. Nesse espaço virtual afirma-se que os meios de comunicação desempenham papel fundamental na divulgação da mensagem desse movimento, por uma educação de qualidade. Isso é fato. Para o nosso estudo, devemos ressaltar que a grande divulgação da mídia com respeito à educação possibilita que inúmeros brasileiros, ocupando diferentes posições sociais se identifiquem com a luta pela educação e discurssem sobre ela. Em verdade, o enunciado “Todos pela educação”, já fazendo parte do cotidiano brasileiro, autoriza que milhões de sujeitos, que se identificam como brasileiros enunciem sobre os problemas da educação.

Não é por menos que na campanha eleitoral de 2010 o discurso sobre a educação tenha sido tão recorrente, talvez um pouco menos do que o discurso religioso. Há um intenso discurso sobre a continuidade do desenvolvimento da educação brasileira, ou seja, de uma evolução, como no enunciado da candidata, e agora presidente eleita, Dilma Rousseff dirigido à revista *Veja*: “A revolução na educação brasileira não está marcada para começar no ano que vem. Começou com Lula, a partir de tudo o que havia sido

---

<sup>2</sup> Disponível em : <http://www.todospelaeducacao.org.br/>

construído antes dele”. Há também um forte discurso que considera um absurdo afirmar que a educação no Brasil segue uma evolução, como é visível em uma capa da *Veja* de agosto de 2008: “O inssino no Brasiu è ótimo”. Ou mesmo no enunciado do candidato Serra divulgado em um *blog*:

É preciso prestar atenção num retrocesso grave dos últimos anos: a estagnação da escolaridade entre os adolescentes. Para essa faixa de idade, embora não exclusivamente para ela, vamos turbinar o ensino técnico e profissional, aquele que vira emprego.

Os últimos dias da campanha eleitoral foram inclusive marcados pela divulgação de manifestos de professores e intelectuais contra a eleição de determinado candidato e a favor de outro, pautando-se em feitos na área educacional. Manifestos que correram na internet, nos *e-mails*, na televisão. Não podemos, portanto, desconsiderar essa imensa emersão de enunciados sobre a educação vindos de vários lugares e acessados por inúmeros sujeitos. Nos últimos anos, *todos falamos da educação*. Aliás, isso foi o que os candidatos não desconsideraram.

Em meio a essa atmosfera de democratização da escola brasileira, em que muitos passam a ter autoridade para discursivizá-la, o papel do professor é frequentemente (re) construído. A fim de analisar como a imagem do professor se encaixa nessa democratização, optamos por estudar o discurso sobre a formação do professor brasileiro.

### **A mídia: formando o professor**

Em *A ordem do discurso*, Foucault (2003) admite a escola como o lugar onde todo sujeito pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, no entanto, o sistema da educação não deixa de ser uma maneira política de manter ou modificar essa apropriação dos discursos à qual os sujeitos têm direito. Assim, é importantíssimo verificar os discursos que dominam o espaço escolar e o porquê de autorizar-se isso e não aquilo. Nessa mesma obra, Foucault afirma o controle da produção dos discursos:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2003, p. 8)

Admitindo o discurso como heterogêneo, selecionamos alguns enunciados que materializam o discurso sobre a formação do professor. Alguns enunciados valorizam esse sujeito do espaço escolar, pois é considerado o pilar do processo educacional. Outros enunciados permitem verificar um discurso da formação do professor que desvaloriza completamente esse profissional, sendo mesmo possível apagá-lo do processo educacional e substituí-lo pela tecnologia.

Portanto, podemos notar a prevalência de duas FDs: uma apresentando um viés mais religioso, admitindo o professor como indispensável, assemelhando-o a um deus, a um profeta, ao messias; e outra mais vinculada aos aspectos econômicos e avanços tecnológicos. Devemos lembrar que o discurso religioso está totalmente vinculado ao discurso pedagógico brasileiro, em que a escola foi se instituindo no Brasil juntamente à ordem dos jesuítas, com a consagração da Igreja Católica no Brasil e adiante com as igre-

jas protestantes e evangélicas, as quais fundaram as suas próprias instituições educacionais. Nessa formação discursiva o professor é o mestre, o dono da sabedoria.

No entanto, essa mesma FD nos possibilita inferir um discurso econômico. O professor não é indispensável apenas por ser o detentor do conhecimento, mas, como afirma Coracini (2003), no mundo neoliberal o que vale é o lucro, e, na escola, o professor é o intermediário entre a escola e o aluno, dependendo dele o cumprimento das promessas vendidas. Assim, temos também a prevalência de uma FD que materializa um viés mais econômico, caracterizado pelo descartável, pelo substituível e pelo investimento em tecnologia. Portanto, se o professor não garante as promessas divulgadas pela escola, ele é substituível, e substituível não apenas por um outro sujeito-professor, mas pela própria tecnologia. Aliás, essa intensa defesa do uso da tecnologia em sala de aula pautou a campanha para governador do Estado de Goiás no ano de 2010, sendo prometidos computadores para cada professor e aluno da rede pública e estadual de ensino, além de bibliotecas digitalizadas, sugerindo que o acesso à internet beneficia a prática de leitura.

Observamos, portanto, a prevalência de suas FDs: uma condicionada pela moral cristã e outra pelos princípios econômicos. A FD cristã pode ser exemplificada pela campanha do “Todos pela educação”, na qual o professor aparece como necessário a todos, independente de cor, raça, credo, condição social. Assim como um messias, que veio para todos, principalmente para as criancinhas: “Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (BÍBLIA *online*, Mateus, cap. 19, versículos 13-14).

Uma capa da VEJA<sup>3</sup> em maio de 2010 exemplifica a prevalência da FD econômica e tecnológica, na qual o professor de língua estrangeira pode ser substituído pelo *Google*. Há a figura de um protótipo humano e feminino enunciando a pergunta: “Do you speak Google?”. Este enunciado também se contrapõe ao discurso religioso pela figura de um protótipo humano: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra” (BÍBLIA *online*, Êxodo, cap. 20, versículos 4-5). Esse enunciado nos possibilita visualizar não apenas uma representação ou cópia do real, mas a sua substituição por uma outra realidade, é justamente um efeito da descartabilidade. Não há um mestre insubstituível.

Continuando essa reflexão sobre a imagem do professor, temos no *site* da revista Nova Escola<sup>4</sup> a simulação de uma capa em que há a materialização do professor como um sábio mestre, já com seus cabelos brancos, com semblante cansado, mas satisfeito. O uso dos óculos e da aliança ajuda a compor a seriedade do trabalho do professor. Ao mesmo tempo em que evidencia uma vida cansativa pela própria posição do corpo e pelo tom cinza da fotografia, retoma, pelo elemento linguístico, “Orgulho de ser professor”, o sentimento de enobrecimento dessa profissão. Não é de se estranhar que o orgulho de ser professor seja figuratizado não por uma jovem e simpática educadora, mas por um patriarca trabalhador; figura que já compõe o nosso imaginário. No entanto, a simulação dessa capa permite que qualquer indivíduo inclua a sua foto na capa, enfatizando o caráter de sucesso desse profissional.

Podemos observar que a mídia vem assumindo um discurso didático para informar ao professor e demais interessados sobre a melhor maneira de ministrar uma aula e sobre os

3 As capas da revista *Veja* aqui citadas estão disponíveis no *site*: veja.abril.com.br.

4 As capas da revista *Nova Escola* aqui citadas estão disponíveis no *site*: revistaescola.abril.com.br.

meios pelos quais podemos resolver os problemas educacionais. Segundo Dubois (apud ORLANDI, 1994, p. 109), no discurso didático “o sujeito da enunciação se apaga então, a fim de permitir ao leitor identificar-se com ele; não se trata mais de persuadir, mas de dar essa persuasão como feita.” E esse discurso didático se fundamenta em conhecimentos científicos, permitindo a divulgação de uma “cultura geral”, como afirma Coracini (2003), e a enunciação sobre a educação a partir de diferentes lugares sociais e ideológicos. Desse modo, o ensino se vê sempre obrigado a se especializar, há uma cobrança quanto ao seu atraso em relação à ciência.

Em uma capa da revista *Época*<sup>5</sup> em outubro de 2006 visualizamos essa tendência em debater a educação e possivelmente encontrar soluções. A educação e a bandeira do Brasil são colocadas em primeiro plano, tornando-se quase sinônimos: a educação e a nação. Uma criança é colocada de joelhos, em posição de implorar que o debate seja feito. O título é seguido de alguns pontos os quais serão abordados na revista: um guia para formar professores melhores; o papel da tecnologia; as escolas que dão certo. Portanto, não apenas professores, mas um grande público tem acesso a um guia para o professor. E se os professores precisam de um guia, certamente há um grave problema na educação do nosso país. Outro aspecto interessante, materializado frequentemente na mídia, é a importância da tecnologia para o desenvolvimento do ensino de qualidade.

Podemos observar na capa da revista *Nova Escola* de junho de 2009 e na capa da revista *Época* de agosto de 2010 a inserção da tecnologia e o afastamento do professor. Enquanto na capa da *Nova Escola* o professor nem aparece, em detrimento de uma placa-mãe que contém os nomes das disciplinas ensinadas no ensino básico, na capa da revista *Época*, a professora é encurralada em um canto da sala com seu quadro-negro e livros, enquanto os alunos admiram a tecnologia. Até mesmo o violão e o globo, instrumentos que permitem o toque e o deslumbramento das crianças, são deixados à parte.

A imagem divulgada pela revista *Época* ilustra bem o que é afirmado por Coracini (2003), o professor se curva diante das “descobertas”, cujo processo de produção lhe é inacessível e acredita-se mero intermediário. O aluno passa a ser apenas um “recipiente” dessas verdades. Ainda, segundo a autora, essas verdades são assumidas em sala de aula pelo discurso pedagógico, na ilusão de que a ciência não possui caráter transitório. Devido à homogeneização e à simplificação das descobertas científicas a escola sempre fica em atraso.

Essa tendência de inclusão da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem se liga a outro discurso profético de que uma educação de qualidade garante o sucesso profissional. Remete, também, como podemos observar na capa da revista *Veja* de agosto de 2010, à ideia cristalizada de que o bom uso da norma culta da língua garante ao sujeito determinados poderes, entre eles o poder de comando e o poder econômico. Na *Veja* há uma pirâmide feita com os botões de um computador, como se fosse um grande teclado, no topo da pirâmide temos não menos que um líder em um palanque ou púlpito e o enunciado linguístico: “Falar e escrever bem: rumo à vitória.” O caminho que o levou ao sucesso despreza totalmente a figura do professor e exalta o uso por si só dos meios tecnológicos.

---

<sup>5</sup> As capas da revista *Época* aqui citadas estão disponíveis no site: [epoca.globo.com](http://epoca.globo.com).

## Algumas reflexões...

Para Charaudeau (2009), o mundo midiático é preso a um *jogo de espelhos*, enquanto reflete o espaço social e é refletido por ele. O discurso midiático/informativo nos possibilita analisar a maneira como os sujeitos constroem sistemas de valores sociais; o mesmo pode ser afirmado com relação ao discurso propagandista. Para ele, a diferença entre esses dois discursos está em que o *status* de verdade do discurso informativo é da ordem do que *já-foi* e algo deve ser provado; no discurso propagandista, a verdade diz respeito ao que *há de ser*, “um dom mágico é oferecido.” No caso dos enunciados aqui analisados, a mídia assume um discurso didático, científico e também camufla um discurso propagandista, na medida em que promete soluções e se coloca como autoridade para formar melhor os professores brasileiros. Vende-se um manual do bom ensino.

Althusser (1983), em *Aparelhos ideológicos de Estado*, conclui que o aparelho escolar é de fato o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas, agindo de maneira silenciosa, ensinando as regras dos bons costumes. Não nos rendemos a essa homogeneização das instituições na perspectiva de Althusser, mas não podemos negar que atualmente, esse papel de “customização” tem sido largamente desenvolvido pelo discurso midiático, inclusive oferecendo à escola “melhores” propostas de ensino. A mídia é tomada como a detentora do saber e aquela que tem acesso aos progressos científicos. Não a afirmamos como um “quarto poder”, mas como uma instituição que participa da divulgação de saberes e das práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos. A mídia atua como a transmissora das novas verdades científicas.

Evidentemente, este artigo apenas inicia mais uma reflexão sobre as relações entre a mídia e a educação brasileira. É necessário que a discussão progrida e seja intensa, que o debate realmente seja feito e que a mídia continue a democratizar, pois ao mesmo tempo em que se apodera do social e de um discurso didático-científico construindo efeitos de verdade, também nos permite manipular domínios antes negados ao povo. A vulgarização dos saberes sobre a educação permite que não só os professores discutam sobre os seus problemas profissionais, como os baixos salários ou a indisciplina de alunos, mas toda a massa, a qual de uma maneira ou outra tem a sua história atrelada à história educacional brasileira.

## REFERÊNCIAS

ACERVO Digital Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em: dez. 2010.

ARQUIVO Época. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,5855,00.html>>. Acesso em dez. 2010.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bíblia online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acesso em: nov. 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São

Paulo: Contexto, 2009.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos, 2003.

EDIÇÕES impressas *Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impressas/>>. Acesso em: dez. 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz. F. B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: Da História no Discurso*. Campinas: Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. A análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-151.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: Da História no Discurso*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1994. p. 55-66.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1988.

ROUSSEFF, Dilma. Compromisso com o futuro. *Veja*, São Paulo, Ed. Abril, ano 43, n. 16, p. 74-76, 21 abr. 2010.

Programa Todos pela educação. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/institucional/quem-somos>>. Acesso em: nov. 2010.